

# Introdução ao Antigo Testamento

Introdução aos Escritos do Antigo  
Testamento (Tanak) e às suas Teologias



## Desenvolvimento do material

Marcio Simão de Vasconcellos

### 1ª Edição

Copyright © 2022, Afya.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Afya.

# Sumário

## Introdução aos Escritos do Antigo Testamento (Tanak) e às suas Teologias

Para Início de Conversa...	3
Objetivos	3
<b>1. Os Problemas do Antigo Testamento</b>	<b>4</b>
1.1 Há Conflitos entre o Texto Bíblico e a Ciência?	4
1.2 Há Conflitos entre o Texto Bíblico e Questões de Ordem Moral?	5
<b>2. Os Valores do Antigo Testamento</b>	<b>6</b>
<b>3. A Pluralidade Teológica do Antigo Testamento</b>	<b>7</b>
<b>4. As Intenções Teológicas dos Textos do Antigo Testamento</b>	<b>9</b>
Referências	11

## Para Início de Conversa...

Iniciaremos este capítulo dando os primeiros passos na investigação do universo literário e teológico que constitui o Antigo Testamento. Apresentaremos alguns possíveis problemas na abordagem do texto do AT, bem como seus principais valores, tanto do ponto de vista literário, quanto teológico e pastoral. Identificaremos, também, a diversidade teológica presente nas narrativas que compõem a Bíblia Hebraica (Tanak).

## Objetivos

- Reconhecer os principais problemas vinculados ao estudo acadêmico do texto do Antigo Testamento;
- Identificar os principais valores apresentados e defendidos pelo Antigo Testamento;
- Reconhecer a pluralidade teológica presente nas narrativas do Antigo Testamento;
- Identificar a existência de intenções teológicas nas narrativas que compõem o Antigo Testamento.

# 1. Os Problemas do Antigo Testamento

O Antigo Testamento constitui uma grandeza tanto literária quanto teológica. Contudo, nem sempre é fácil compreender seu sentido, já que se trata de um texto antigo, escrito em cultura e língua diferentes da nossa. Ler o AT, muitas vezes, revela-se como encontro com algo “estranho”, e tal estranheza acompanha outros problemas vinculados à leitura e à compreensão do seu texto. Em outras palavras, há problemas que precisam ser considerados no estudo do AT, e, por outro lado, o AT também possui valores muito importantes para a vida e para a fé cristã.

## 1.1 Há Conflitos entre o Texto Bíblico e a Ciência?

Essa discussão é antiga. Na Idade Média, o astrônomo Galileu Galilei foi levado diante do magistério da igreja para retratar-se de sua teoria sobre a Terra girar em torno do Sol. Para a igreja da época, isso era inadmissível, pois colocava em xeque o texto de Josué 10.12-14. Nessa narrativa, Israel começou uma batalha contra os amorreus, mas Israel precisava vencer os seus inimigos antes que a noite chegasse, pois a falta de luz impediria a vitória plena. Então, Josué fala ao Senhor na presença de Israel: “Sol, detém-te em Gabaon, e tu, Lua, no vale de Aialon”. E o Sol se deteve por quase um dia. A consequência lógica dessa passagem, ao menos para a igreja medieval, é que, se o Sol para no céu, então é ele quem gira ao redor da Terra. Galileu precisou retratar-se perante a

igreja, mas esse conflito reapareceu no século XIX, especialmente com a Teoria Evolucionista de Charles Darwin. A pergunta a esse respeito é: a Bíblia, considerada como Palavra de Deus, não seria superior à qualquer afirmação científica? Não deveríamos, portanto, desprestigiar as ciências em prol da defesa do texto bíblico? Ou, por outro lado, não seria melhor negar o conflito, buscando conciliar ambas as perspectivas (a da Bíblia e a da ciência)? Contudo, as afirmações da Bíblia não são verdades científicas. Para Sicre (1995), é importante ressaltar que:

“Aos autores bíblicos não interessam primordialmente as afirmações científicas. Usam modelos de seu tempo, divergentes entre si, porque precisam expressar-se de algum modo. Mas não pretendem apresentá-los como “palavra de Deus”. Suas ideias básicas (relação de toda a criação com Deus, missão e lugar do homem no mundo, relação entre o homem e a mulher) são compatíveis com qualquer teoria científica presente ou futura que não negue a existência de Deus (o que, aliás, foge à sua competência, pois não é missão da ciência afirmar ou negar a existência de Deus). O fato de Deus ter criado o homem com a sua palavra ou com um punhado de argila, ou ainda a partir da evolução de espécies inferiores, não afeta o conteúdo essencial da mensagem bíblica. Neste caso, como em tantos outros, deveríamos lembrar das inteligentes palavras de um cardeal do século XVIII: “A Bíblia não nos ensina como foi feito o céu, mas como se vai ao céu.””

## 1.2 Há Conflitos entre o Texto Bíblico e Questões de Ordem Moral?

Ler o AT constitui uma experiência de encontro com narrativas que desafiam a moral tal como a conhecemos no Ocidente atual. Por vezes, o texto do AT revela-se como um depósito das mais diversas experiências religiosas, inclusive orações de ódio e vingança (observe, por exemplo, o final do Sl 137 ou o Sl 109), blasfêmias contra Deus (Jó 9.23), guerras e genocídios praticados em nome de Deus. Por tudo isso, Harnack (apud SICRE, 1995) escreveu que “conservar o AT dentro do protestantismo como um documento canônico é fruto de uma paralisia religiosa e eclesiástica”.

Certamente, não será necessário chegar ao extremo proposto por Harnack, mas, de toda forma, é preciso reconhecer que muitas passagens do AT representam um desafio para nossa interpretação e para a aplicação desses textos como palavra de Deus em nossa vida. Aliás, o que predomina no AT não são essas histórias escandalosas, mas, sim, um apelo à justiça, à solidariedade (inclusive com estrangeiros, conforme atesta o livro de Deuteronômio diversas vezes), ao cuidado com os mais pobres (o levita, o órfão e a viúva), à fraternidade, ao amor e ao perdão.

Para responder a esses conflitos, é preciso apresentar duas chaves de leitura:

1. O AT possui um aspecto humano e é divino justamente por não escondê-lo, o que implica dizer que “Deus aceita o homem como

ele é. Não ama seres ideais, mas pessoas reais, com seus pecados, desejos de vingança, injustiças, blasfêmias” (HARNACK apud SICRE, 1995);

2. O AT é uma obra condicionada tanto do ponto de vista histórico como cultural. A moral do AT é imperfeita e sujeita a inúmeras revisões que aparecem, inclusive, no interior do próprio texto.

Como já afirmamos anteriormente, o AT é, ao mesmo tempo, o relato das experiências de fé de Israel com Deus e uma construção literária que reproduz uma cultura e um tempo específicos. Nesse sentido, muitos desses problemas levantados são facilmente explicáveis ou compreensíveis. Reafirmemos, aqui, um princípio importante: o AT deve ser lido com base em seu próprio chão histórico-cultural.

### Importante

“Judeus e cristãos leem os mesmos escritos bíblicos como ‘Escritura Sagrada’. Os judeus a leem como seu Tanak; os cristãos, como seu Primeiro Testamento. Ambos o fazem no horizonte de sua respectiva tradição específica (...). O interesse de judeus e cristãos ao lerem essas ‘Escrituras Sagradas’ não é histórico, mas canônico, isto é, leem-nas para ouvir, a partir delas e na sua presença, a interpelação vocacionadora e redentora de Deus – um chamado a servir ao reino de Deus que irrompe neste mundo, comum a ambos. Ouvem a interpelação de maneiras distintas. É decisivo que as diferentes

maneiras de lê-las não resultem em antagonismos, mas numa parceria que as respeite.” (ZENGER, 2003, p.27)

---

## 2. Os Valores do Antigo Testamento

Como afirmamos, o AT possui valores fundamentais para a vida e para a fé. Esses valores podem ser agrupados da seguinte forma:

1. O AT nos revela uma imagem de Deus que nos auxilia na nossa vida. Muitas vezes, temos a impressão de que o Deus apresentado nas páginas do AT é diferente do Deus de Jesus de Nazaré, porém, isso não representa a realidade. Os diversos textos descrevem o caráter e o agir de Deus nas páginas do AT. Como exercício importante, leia os textos de Êxodo 33.19 e 34.6-7; Salmos 103 e 145.8-9; Oséias 11.8-9; Jonas 4.2; Amós 9.7 e procure, com base neles, responder: qual é a imagem de Deus que esses textos revelam?
2. O AT nos revela uma imagem do ser humano. Desde a criação, o ser humano é valorizado como criação “muito boa” de Deus (cf. Gn 1.31). Embora o pecado seja uma realidade presente na vida humana, diversos textos do AT revelam que esse ser humano concreto, encontrado em sua história de erros e acertos, é amado e querido por Deus-Criador. Isso deveria nos conduzir a duas conclusões:
  - É preciso evitar quaisquer pessimismos antropológicos, incapazes de enxergar a presença da imago Dei (imagem de Deus) no ser humano, mesmo que este viva em meio à injustiça do pecado;
  - Esses exemplos de pessoas reais, de carne e osso, com seus erros e acertos, representam a afirmação da nossa própria humanidade como lugar da espiritualidade. Nesse sentido, a proposta de espiritualidade da tradição judaico-cristã consiste em nos conduzir à plena humanização do ser. Somos mais espirituais à medida que somos mais humanos, íntegros na vida, inclusive na vivência de nossas crises.
3. O AT possui uma clara dimensão sociopolítica. Os clamores de justiça dos profetas, a legislação do cuidado do livro de Deuterônimo, a tradição do Jubileu conforme atestada no livro do Levítico, o Deus que ouve do céu e desce para libertar seu povo, conforme o texto do Êxodo, são exemplos de como o AT não divorcia a religiosidade do restante da vida, como nós, inúmeras vezes, fazemos. Para o AT, a história com todas as suas dimensões – social, política, econômica, cultural, religiosa – é espaço para a revelação de Deus e para a relação com Ele.
4. O AT possui uma clara dimensão teológica; talvez esse seja o principal valor do AT. Em suas páginas, encontramos teologias, isto é, relatos que expressam as diferentes experiências que homens e mulheres tiveram com Deus. Sua intenção é tratar das chamadas questões-limite (sofrimento, dor, morte, sentido). Para a fé cristã, o AT reveste-

se de importância singular, pois é o chão no qual os testemunhos do Novo Testamento tiveram sua origem. Os evangelhos, por exemplo, interpretam o AT sempre à luz de Jesus como o Cristo de Deus. Portanto, para compreender o Novo Testamento, é necessário recorrer ao universo teológico e literário do AT.

### **Importante**

É um excelente exercício ler o Novo Testamento, tendo em vista as teologias do AT. Muitas das atividades e da mensagem de Jesus, por exemplo, podem ser melhor compreendidas a partir dessa perspectiva. Sobretudo no Evangelho de Mateus (considerado o mais judaico dos evangelhos), os exemplos são inúmeros. Citaremos apenas dois: no Sermão do Monte (cf. Mt 5-7), Jesus aparece como um novo Moisés, falando com autoridade (Mt 7.28-29) e trazendo uma nova lei que se cumpre no amor a Deus e ao próximo; e na transfiguração de Jesus (Mt 17), o Senhor é apresentado lado a lado com duas das mais importantes personagens do AT: Moisés (representando a lei) e Elias (representando a Profecia). Depois de ouvirem a voz que vem do céu, os discípulos “a ninguém viram, senão a Jesus” (Mt 17.8). A lógica é cristalina: em Jesus, lei e profecia ganham seu sentido pleno.

.....

Portudo isso, dedicar tempo e esforço ao estudo do AT é fundamentalmente importante para se compreender a vida e a própria fé cristã. Também

é importante para ressaltar perspectivas mais humanizadoras, no que diz respeito à prática religiosa do mundo judaico-cristão. Tais releituras hermenêuticas são também aplicadas ao universo neotestamentário.

## 3. A Pluralidade Teológica do Antigo Testamento

Há uma diversidade teológica no Antigo Testamento. Não se trata, portanto, de uma teologia unívoca, isto é, de um único sentido, mas de teologias diferentes e, por vezes, contraditórias. Essa pluralidade de teologias surge em razão dos contextos histórico-culturais distintos e das intenções específicas de seus autores. De fato, o primeiro passo para elaborar uma teologia do Antigo Testamento é reconhecer sua pluralidade, suas inúmeras vozes que ecoam em suas páginas, para, somente então, perguntar o que essas teologias têm em comum.

Essa pluralidade teológica é resultado direto da diversidade cultural no interior da qual a fé em Deus é vivenciada. Novos contextos histórico-culturais se traduzem em novas perspectivas teológicas que, por vezes, somam-se às já existentes, mas, em outras ocasiões, corrigem-nas ou ampliam-nas. Tomemos um exemplo: os livros de Provérbios, Salmos, Eclesiastes e Jó fazem parte de uma mesma coleção de textos, considerados Livros da Sabedoria. Esses livros surgiram da observação da própria vida e

de suas questões. A sabedoria em Israel foi alimentada pelas experiências humanas, sobre as quais se reflete a partir da fé em Deus.

Nesses livros, porém, também expressam-se teologias. Se partirmos do livro dos Provérbios, veremos que há uma interpretação da vida que se repete quase como um mantra em suas linhas e que pode ser expressa pela seguinte fórmula: os que fazem o bem, colherão o bem; contudo, os que praticam o mal, sofrerão as consequências de ter o mal como colheita na vida. Cf., por exemplo: Pv 10.3,9,24-30; 13.25; 14.11; 15.6.

No entanto, a partir dos séculos V-III a.C., há uma crise acontecendo em relação à questão da sabedoria em Israel e à própria imagem de Deus. As pessoas olham para as suas próprias vidas e percebem que a vida não funciona com essa lógica de retribuição; há pessoas injustas e más que prosperam, enquanto há gente honesta e íntegra que sofre muito e que padece, quem sabe por anos, um sofrimento que revela-se como injustiça.

À antiga questão “Por que as pessoas boas sofrem e as más são abençoadas?” essa teologia de Provérbios já não responde mais. Falta-lhe o chão da existência para ter sentido. Toda essa crise encontra-se presente na narrativa de Jó.

Consideremos essa história narrada no livro de Jó: temos um homem justo, íntegro, que oferece sacrifícios por si e por sua família (Jó 1.1-5).

De repente, uma série de catástrofes assolam sua vida: perde seus bens, sua saúde, sua família (Jó 1.13-19). Jó se sente sozinho, abandonado por Deus, sem saber as razões desse abandono. Então, os seus amigos aparecem e trazem, em seus discursos, a antiga lógica da teologia pré-crise da sabedoria. As palavras de Elifaz, em Jó 4.7-8 e 15.20-24, revelam o mesmo entendimento de antes: os perversos são continuamente atormentados e os justos são cumulados de bênçãos. A essa ideia soma-se outra que constitui um verdadeiro peso sobre aquele(a) que sofre: a razão do sofrimento são pecados cometidos contra Deus. “Jó”, dizem eles, “se você está enfrentando tudo isso certamente é porque você pecou, você fez o mal. Por isso, está colhendo esse mal. Mas confesse seu pecado e Deus irá te abençoar novamente.” (cf. Jó 22, em especial os versos 21-30). No entanto, Jó, apesar de reconhecer-se como pecador em diversas passagens, recusa-se a enxergar seu pecado como razão para seu sofrimento. Diante da dor, o que Jó faz é amaldiçoar seu próprio nascimento, e até mesmo blasfemar contra Deus (cf. Jó 9.22-24). Tudo se resolve apenas no final do livro, quando Jó reconhece uma nova maneira de pensar – isto é, uma nova teologia – a partir da experiência que tem com Deus no meio do seu sofrimento: “Eu te conhecia de ouvir falar, mas agora meus olhos te veem” (Jó 42.5).

Dessa forma, por causa de experiências vividas no chão da existência, há mudanças de percepções teológicas no interior do AT. E, contrariando a perspectiva racionalista moderna, o AT mantém essas teologias em suas páginas, mesmo que sejam divergentes.



## 4. As Intenções Teológicas dos Textos do Antigo Testamento

Já reconhecemos a existência de uma diversidade teológica bastante plural nas narrativas do AT. Isso revela, como também já vimos, a íntima relação entre os textos e as mudanças de paradigma histórico-cultural que caracterizaram os momentos de escrita e redação dessas narrativas. Nenhum texto é neutro; sempre existem intenções que movimentam os textos bíblicos. Essas intenções são, sobretudo, (embora não unicamente) teológicas, isto é, existem teologias que direcionam os Escritos e suas redações. Na verdade, para muitos exegetas, encontrar a teologia que sustenta determinado texto bíblico constitui o cerne da tarefa hermenêutica. Isso serve tanto para o AT como para o Novo Testamento. Tratando desse tema, John Bright (apud WEGNER, 1998, p.297) afirma que uma exegese não deve se contentar meramente em descobrir o texto em si, mas deve também:

“ [Ir] Além para descobrir a teologia que informa o texto. É uma exegese que busca descobrir não meramente o que a antiga lei exigia, mas também a teologia expressa na lei; não somente os abusos atacados por Amós, mas a teologia que o induziu a condená-los; não somente as diretrizes dadas por Paulo a esta ou aquela igreja, mas a teologia que o impelia a dá-las. Todos os textos bíblicos expressam teologia, no sentido de que todos estão animados, mesmo que às vezes indiretamente, por uma preocupação teológica. Cabe ao intérprete tratar de descobrir qual era esta intenção.”

Encontramos diversos exemplos de como as narrativas foram construídas, a partir de tradições orais e escritas, para ressaltar um fato importante para a história de Israel ou para um viés teológico, político, social ou econômico específico. É preciso reafirmar a relação entre teologia e cultura. Cada contexto cultural reinterpreta a palavra original a partir de sua própria necessidade. Os autores bíblicos atualizam a mensagem para seu próprio ambiente histórico-cultural.

Assim, a verdade “pura” não existe. Sempre é verdade expressa, já interpretada no interior de uma determinada cultura, que funciona como um quadro interpretativo: ela filtra elementos, faz-nos assumir valores específicos, desenvolve certos sentimentos (que podem estar ausentes em outras culturas) Introdução ao Antigo Testamento 13 e fornece instrumentos para a leitura da realidade. Nesse sentido, vale afirmar: não há palavra de Deus pura. Toda palavra de Deus é interpretada, já nasce no interior de uma linguagem e, portanto, de uma cultura. É o processo da encarnação da mensagem bíblica, cujo ápice, segundo a fé cristã, deu-se em Jesus, Deus feito ser humano. Ora, Jesus não se torna homem genérico, geral (isso não existe); ele se torna galileu, plenamente inserido em uma determinada cultura. Sendo assim, não há experiência de Deus imediata; ela é sempre mediada. O mistério de Deus não cabe em um sistema teológico nem em uma estrutura religiosa.

## ! Importante

A expressão “verdade pura” refere-se à noção de que qualquer verdade sempre é verdade já interpretada por alguém. Um fato não existe por si mesmo, ele existe no interior de uma visão de mundo que o interpreta. Nesse sentido, não se pode ter acesso ao real em si, mas apenas a uma perspectiva do real. Por outro lado, isso não significa dizer que a verdade não existe nem implica menosprezar o que cada um afirma como verdade. Implica apenas reconhecer os limites do discurso de cada um acerca da verdade

---

Por isso, nossa visão do processo de escrita do AT, que, por vezes, é muito romântica e ingênua, precisa sempre partir do fato de que os textos não “caem do céu”, mas, sim, são elaborados no interior da história. Dessa maneira, o processo de redação atende a intenções específicas de seus redatores/autores. A escrita nunca é neutra.

Por exemplo: o livro de Josué retrata a conquista de Canaã como uma rápida e destrutiva campanha militar. Os hebreus, liderados por Josué, destroem as muralhas de Jericó, conquistam Ai e todas as demais cidades próximas, conquistando a terra e matando seus habitantes em nome de Deus. Todas as tribos são apresentadas agindo em conjunto e a vitória de Israel está diretamente ligada à sua fidelidade a Javé. A lógica é: Israel só conquista a terra prometida porque não aceitou a idolatria nem os

idólatras; por outro lado, caso se renda à idolatria, Israel perderá suas conquistas.

Porém, pesquisas arqueológicas mais recentes descobriram que o processo de chegada dos hebreus na terra de Canaã foi uma aproximação vagarosa, que manteve relações cordiais com muitos povos que já habitavam a região. A cidade de Jericó, por exemplo, nem era habitada na época de Josué, portanto, o texto deseja transmitir uma ideia de fidelidade a Deus, justificando a posse da terra. O texto bíblico não se preocupa com o passado, mas, antes, relê os acontecimentos de sua história para elaborar afirmações teológicas.

Tudo isso deve nos alertar para um fato importante para a compreensão do texto bíblico: sua natureza é teológica, não histórica, científica ou geográfica. Isso não quer dizer, porém, que a Bíblia é um livro a-histórico ou não vinculado à vida humana. Pelo contrário, suas páginas revelam diferentes compreensões sobre Deus e o ser humano. Nesse sentido, tem toda relação com as questões do cotidiano, da vida humana, de suas crises e conquistas, fracassos e vitórias. Fazer vincular o texto bíblico com a realidade das pessoas é vocação da igreja e da teologia cristã.

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma introdução bastante breve ao universo da Tanak, revelando, também, alguns dos principais problemas e valores existentes no Antigo Testamento. Nesse sentido, ressaltamos o fato de o texto bíblico ser vinculado à cultura e à história

no interior do qual foi redigido. Outro propósito deste estudo foi reconhecer a existência de uma diversidade teológica nas páginas do AT. Essa diversidade de teologias está intimamente ligada às mudanças de paradigmas socioculturais, políticos, econômicos e religiosos que se sucederam ao longo do tempo. Assim, novas percepções sobre o cotidiano da vida e novas maneiras de pensar sobre Deus fizeram nascer novas teologias, que foram sendo registradas nos textos da Tanak. Por fim, tal pluralidade teológica também expressa as diferentes intenções teológicas presentes no texto, o que nos leva a pensar no processo de formação desse texto não como algo “caído do céu”, mas, sim, como narrativas elaboradas no interior da história, auxiliando no processo de interpretação e atualização de suas mensagens.

## Referências

**A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

BARRERA, J. T. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã:** introdução à história da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1996.

GONÇALVES, Alonso. **Deus absolvido:** a contribuição de Andrés Torres Queiruga para o problema do mal. Disponível em: <https://docplayer.com.br/69127844-Deus-absolvido-a-contribuicao-de-andres-torres-queiruga-para-o-problema-do-mal-alonso-goncalves.html>. Acesso em: 22 fev. 2018.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica.** São Paulo: Paulinas, 1988.

GUSTAVO MARTINS. **A força Criadora e Libertadora da Palavra** - Pt 1/5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SGdr28plf18> . Acesso em: 22 fev. 2018.

LOGOS TV. **A Formação da Bíblia.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HZwap\\_Sj1MI](https://www.youtube.com/watch?v=HZwap_Sj1MI). Acesso em: 22 fev. 2018.

MESTERS, Carlos. **Deus, onde estás?** Uma introdução prática à Bíblia. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SICRE, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

RUBIO, Alfonso García. **A visão científica evolucionista interpela a fé em Deus criador**. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio/Brasil. Ano XV nº 37, janeiro a abril/2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18911/18911.PDFXXvmi=>. Acesso em: 22 fev. 2018.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1973.

ZENGER, Eric. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2003.